

## O CIBERFEMINISMO: Uma análise da atuação da ONG Think Olga na causa feminista por meio da hashtag #primeiroassédio<sup>1</sup>

Jessica da Silva ALMEIDA<sup>2</sup>

Rita Maria da Costa SOARES<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo propõe-se analisar a campanha do Twitter #PrimeiroAssédio, criada pela ONG feminista Think Olga, na qual foi elaborada após homens assediarem no meio internet Valentina de apenas 12 anos, que participava do reality show culinário Masterchef Junior Brasil. A hashtag convidou mulheres para contar a história do seu primeiro contato com assédio sexual. Neste trabalho será destacado a importância de uma comunicação pensada e feita por mulheres, tomando como referência dados de pesquisas bibliográficas e dados da violência contra a mulher. Utiliza-se o método de pesquisa explicativa por amostragem, em que considerações de pesquisadores a respeito do ciberfeminismo auxilia na compreensão do levantamento abordado, cujo resultado ressaltou a importância do empoderamento feminino por meio da informação, e a veiculação de uma comunicação pensada a partir de questões de gênero.

**PALAVRAS CHAVES:** feminismo; ciberfeminismo; empoderamento; ong Think Olga.

### 1 - INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade que convive com o machismo, a violência contra a mulher, o feminicídio<sup>4</sup>, estupro e a desigualdade salarial entre os gêneros. Em pleno século

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como requisito para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, orientado pela Professora Me. Rita Soares.

<sup>2</sup> Graduada em Comunicação social, habilitação em jornalismo na Faculdade Estácio do Pará.

<sup>3</sup> Orientadora do artigo, Jornalista e Mestre em Ciência Política pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará (PPGCP-UFP), professora dos cursos de comunicação da Faculdade Estácio Pará. E-mail: [ritamcsoares@gmail.com](mailto:ritamcsoares@gmail.com)

<sup>4</sup> Femicídio ou Feminicídio é um termo empregado para designar o assassinato de uma mulher pelo simples fato de esta ser mulher. E em 2017 o feminicídio transformou-se em crime.



XXI a sociedade continua a tratá-las como um sexo frágil, exigindo que estas sejam as únicas responsáveis por cuidar do lar, pela criação e educação dos filhos. Não é incorreto ser dona de casa ou mãe, mas a sociedade precisa admitir que nem toda mulher tem a mesmo sonho ou perspectiva de vida.

As mulheres também são agredidas no meio de comunicação tradicional quando ainda é identificado o modelo de jornalismo que as tratam como um objeto sem valor algum ao escrever uma reportagem culpando a vítima por ser estuprada enquanto voltava da faculdade sozinha à noite, por exemplo, ou quando romantizam um feminicida que matou uma mulher “por amor”.

Este artigo propõe-se analisar a atuação da ONG feminista Think Olga no ciberfeminismo, que tornou-se um fenômeno na contemporaneidade como um meio de comunicação para promover o empoderamento das mulheres por meio de informações, e também como uma alternativa para dar visibilidade em casos de violência contra as mesmas, que antes era silenciado por medo ou falta de voz.

Descrever a atuação da Olga por meios de campanhas, avaliar seu papel na luta das mulheres, e como a ONG pode ser um exemplo de ferramenta de mídia que ajuda a mostrar a realidade do gênero feminino despida de uma visão machista, também são questões que este trabalho busca responder.

Será feito um estudo de caso por amostragem no Twitter a respeito da campanha #PrimeiroAssédio, que no dia 22 de outubro de 2015 chegou a ser um dos assuntos mais comentado e compartilhado na rede mundial de computadores.

A hashtag foi criada após Valentina de apenas 12 anos ter sofrido assédio por meio de comentários de cunho sexual por parte de homens, que sentiram-se atraídos sexualmente por ela. A campanha teve o intuito de convidar mulheres para contar suas histórias acerca do primeiro contato com o assédio sexual, e alertar sobre os riscos da normatização dessa categoria de crime.

Abordar o tema feminismo para concluir minha graduação em Jornalismo deu-se pelo fato de que sou mulher, e padeço diariamente por vive em uma sociedade machista, na qual andar sozinha nas ruas tornou-se um perigo, porque a qualquer momento sou assediada por homens que se acham no direito de me “cantar”, ou quando sofri na pele a violência

física e verbal por parte do meu próprio irmão, só pelo fato de ser uma mulher lésbica e feminista.

A escolha do objeto de estudo, está ligada a todos esses aspectos, além de que a ONG ressalta o empoderamento feminino em suas redes para promover diversos grupos e campanhas na internet em troca de experiências, além de discutir as relações entre gêneros e tecnologia, como também encorajar mulheres a denunciar abusos.

Em relação a metodologia no campo científico diz respeito ao delineamento acerca do caminho que deve ser seguido para que se transmita de forma eficiente um estudo com qualidade. Como procedimentos e técnicas de pesquisa optou-se por uma pesquisa bibliográfica, pois é um estudo sistematizado desenvolvido com base em materiais publicados em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral (VERGARA, 2014, p. 43).

A revisão bibliográfica desta pesquisa foi realizada por meio de pesquisas em artigos acerca do tema, livros, reportagens e redes eletrônicas, os quais possibilitaram o desenvolvimento do entendimento sobre o objeto de pesquisa.

De acordo com o objetivo, a pesquisa foi classificada como explicativa, que de acordo com Gil (2010) ela identifica os elementos que contribuem e explicam a ocorrência do fenômeno ou problema, identificando seus “porquês”.

O objeto empírico será analisado por amostragem no twitter por meio da campanha #PrimeiroAssédio, criado pela ONG feminista Think Olga. Este artigo também busca destacar a importância do ciberfeminismo para a construção de uma comunicação que valorize as diferenças de gêneros.

## **2 REFERÊNCIAL TEÓRICO**

### **2.1 CIBORGUE: Quando o feminismo se empoderou da tecnologia**

Mesmo em um cenário misógino e machista, é possível encontrar uma comunicação diferenciada da tradicional, pensada e feita por mulheres especialmente no meio internet. Nos últimos dez anos, o ciberativismo tornou-se uma das maiores fontes de mobilização da sociedade, e a rede mundial de computadores tem sido um espaço privilegiado dentro desse

debate.

Pensando em uma comunicação diferenciada, a ONG feminista Think Olga deu início a publicações em suas páginas com reportagens que tratam de assuntos como a violência de gênero, machismo, além de lançar um Minimanual de Jornalismo Humanizado<sup>5</sup> para jornalistas, blogueiros, produtores de conteúdos e veículos de comunicação. O guia de bolso ensina o que fazer e o que não fazer para que os textos jornalísticos não reforcem os preconceitos e estereótipos<sup>6</sup> contra a mulher ou grupos de minorias.

As publicações da Olga reforçam o ativismo digital com mobilizações que são feitas por meio do ciberfeminismo, e que conquistaram grande visibilidade em toda sociedade, que parou para dar uma maior atenção nas vozes virtuais que buscam por seus direitos.

O termo ciberfeminismo originou-se na década de 1980, por meio da escritora, bióloga, filósofa Donna Haraway<sup>7</sup> no Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX, publicado originalmente na *Socialist Review*, em 1985. Haraway (2009) descreve:

“Os movimentos internacionais de mulheres tem construído aquilo que se pode chamar de experiência das mulheres”. Essa experiência é tanto uma ficção quanto um fato do tipo mais crucial, mais político. A libertação depende da construção da consciência da opressão, depende de sua imaginativa apreensão e, portanto, da consciência e da apreensão da possibilidade.”

No Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista (1984), Haraway afirma a importância do papel da mulher no uso da tecnologia, além de ressaltar a influência desta ciência para o ciberfeminismo na época. A escritora também preocupou-se em descrever a crise de identidade de movimentos sociais, e do feminismo.

O ciberfeminismo instituído na década de 1990 junto com a surgimento das redes eletrônicas, tornou-se um aliado valioso para a construção dessa nova comunicação que é entendida como uma prática feminista contemporânea da rede mundial de computadores.

O uso deste ativismo deu a palavra, e uma maior visibilidade para a militância

---

<sup>5</sup> Para acessar o Mini manual de Jornalismo Humanizado entre no site: <<http://thinkolga.com/minimanual-do-jornalismo-humanizado/>>. Acessado em: 15/10/2017.

<sup>6</sup> Estereótipos é generalização de uma idéia preconcebida sobre algo ou alguém, sem o seu conhecimento verdadeiro, na maioria das vezes de cunho preconceituoso ou com afirmações falsas.

<sup>7</sup> Donna Haraway é uma bióloga, filósofa, escritora, professora e feminista. Sua obra “Manifesto Ciborgue” influenciaram nos estudos culturais e nos estudos de mulheres por meio do feminismo.

feminista virtual, e alcançou proporções gigantescas com mobilizações de mulheres denunciando casos de violência, assédio, feminicídio etc. Daniels (2009) descreve que para mulheres a internet tornou-se um “espaço seguro” para resistir à opressão de gênero.

Segundo Wilding (1997) o ciberfeminismo é também o esforço de estar cada vez mais consciente do impacto das novas tecnologias na vida das mulheres e da insidiosa classificação genérica da tecnocultura na vida diária.

De acordo com Moraes (2001) a internet é uma ferramenta primordial para os movimentos sociais, que agora utilizam a rede cada vez mais para divulgar suas reivindicações e mobilizações pelo direito da cidadania. Essa ferramenta ampliou a possibilidade de organização de grupos no ciberespaço, e é bastante comum encontrar um número elevado de mobilizações criadas na rede.

“As vozes que se somam no ciberespaço representam grupos identificados com causas e comprometimentos comuns, a partir da diversidade de campos de interesse (educação, saúde, direitos humanos e trabalhistas, cidadania, minorias e etnias, meio ambiente, ecologia, desenvolvimento sustentável, defesa do consumidor, cooperativismo, habitação, economia popular, reforma agrária, Aids, sexualidade, crianças e adolescentes, religiões, combate à fome, emprego, comunicação e informação, arte e cultura), de metodologias de atuação (movimentos autônomos ou redes), de horizontes estratégicos (curto, médio e longo prazos) e de raios de abrangência (internacional, nacional, regional ou local). Essas variáveis, muitas vezes, entrelaçam-se, fazendo convergir formas operativas e atividades.” (MORAIS, 2001).

Hoje é possível encontrar uma grande quantidade de vozes que atuam por meio da rede mundial de computadores, que lutam por causas de interesse coletivo ou pessoal em prol das mulheres. Entre as vozes virtuais surgiu a ONG Think Olga.

A Think Olga é uma ONG feminista que foi criada pela jornalista e escritora Juliana de Faria em abril de 2013. E tem como objetivo criar conteúdo que reflita a complexidade das mulheres, além de promover o empoderamento feminino por meio da informação<sup>8</sup>. A ONG acredita no poder e na responsabilidade que os meios de comunicação têm na formação da sociedade, e por este motivo estimula o empoderamento feminino, para que estas não continuem sendo inferiorizadas e moldadas pelo machismo dos meios de comunicação tradicional.

<sup>8</sup> O empoderamento feminino busca o direito das mulheres de poderem participar de questões públicas e tomar decisões que sejam importantes para toda a sociedade, e principalmente nos aspectos relacionados a mulher.



Em seu site a Olga define sua missão como “empoderar mulheres por meio da informação e retratar as ações delas em locais onde a voz dominante não acredita existir espaço igualitário entre os gêneros”. A luta da ONG é para que mulheres não se sintam culpadas por escolher seus próprios caminhos, e por sempre ter direito a fazer mais escolhas dentro da sociedade machista que dita regras do que elas podem e não podem ser ou fazer.

Para a fundadora da Olga, as questões de gênero saíram de espaços específicos como grupos feministas e acadêmicos, e tornou-se parte do dia a dia da população ao abordar o tema feminismo dentro de debates, congressos, trabalhos acadêmicos, além de atingir os veículos de comunicação. Este momento de grande repercussão deu-se também pela ampla visibilidade de campanhas e coletivos feministas criados na rede. Faria descreve que:

“As redes sociais funcionaram (e funcionam) como uma grande ferramenta de conexão de pessoas. E a conexão é a base da luta. É com ela que mulheres vão perdendo o medo de falar. Afinal, a coragem é como um vírus, pega. Se alguém que não faz parte do meu círculo levanta a bandeira sobre uma questão que está remoída no meu coração, eu sinto que também sou capaz de me juntar.” (FARIA, 2016).

Em cinco anos de ciberativismo, a ONG criou diversas campanhas nas quais denunciam todo e qualquer tipo de violência contra o gênero feminino. Um exemplo de campanha e objeto de estudo deste trabalho, que ganhou um amplo destaque nas redes sociais foi a #PrimeiroAssédio, replicada mais de 82 mil vezes em apenas cinco dias no Twitter. A hashtag surgiu quando Valentina de 12 anos foi alvo de comentários de cunho sexual durante sua participação em um reality show culinário Masterchef Junior Brasil<sup>9</sup>. Com a campanha, mulheres foram convidadas a contar as histórias do seu primeiro assédio através da hashtag no Twitter.

Outra campanha que ganhou visibilidade nas redes foi a #100VezesCláudia. Cláudia Silvia Ferreira além de ser baleada, foi arrastada por cerca de 350 metros por um carro da Polícia Militar do Rio de Janeiro, após ser apreendida em uma operação da PM enquanto saía de casa para comprar pão. A hashtag incentivou a colaboração de internautas para criar ilustrações sensíveis de Cláudia, e resgatar a dignidade que lhe foi tirada injustamente.

A Think Olga manifesta em todas as suas páginas da rede a necessidade de empoderar todas as mulheres, para que as mesmas não fiquem caladas ao sofrerem qualquer

<sup>9</sup> O programa Masterchef Junior é a versão infantil de um programa de culinária brasileira Masterchef, exibido pela Rede Bandeirantes - Band.



tipo de violência.

## 2.2 “A culpa não é minha”

Em uma pesquisa realizada entre 29 de março e 11 de abril de 2015 pelo Instituto de Pesquisa DataSenado, em parceria com o Observatório da Mulher contra a violência, foi identificado um aumento do número de mulheres que declararam ter sofrido algum tipo de violência em 2017. Neste ano, cerca de 29% de 1.116 brasileiras entrevistadas declararam que já foram vítimas de vários tipos de violência doméstica.

As entrevistas também revelaram quais foram os tipos de violências sofridas. A violência física foi a mais mencionada com 67% das mulheres declarando já ter sofrido agressões físicas. A violência psicológica veio em seguida com 47% registros enquanto as violências moral e sexual tiveram 36% e 15% das respostas, respectivamente.

E 2017 ainda está sendo um ano com graves casos de violência contra a mulher, como no caso de uma jovem de 22 anos que levava sua filha para ficar na casa da babá, mas que durante o caminho foi surpreendida por Douglas Raul Spíndola Alves, em uma rua de Contagem em Minas Gerais. Ela foi vítima de um assalto seguido de estupro por aproximadamente duas horas. Durante todo o tempo em que foi estuprada, a vítima permaneceu com a filha de 1 ano em seu colo.

O uso inapropriado da internet também é um espaço gerador de violência para as mulheres. Diariamente fotos, vídeos e comentários são divulgados e compartilhados por milhares de pessoas que acreditam que as redes sociais são “terra sem lei”, e por este motivo podem atacar o sexo feminino com difamações, divulgação de fotos íntimas, declarações de ódio, e ameaças de morte.

Os exemplos citados à cima são amostras dos casos violência contra a mulher no Brasil. Ainda vivemos em um momento de fragilidade dentro da sociedade tomada pelo modelo do patriarcal, segundo a escritora Averbu (2017), “o mundo é um lugar horrível para ser mulher”. Averbu foi mais uma vítima de violência ao ser estuprada por um motorista do aplicativo de transporte Uber<sup>10</sup>, quando tentava voltar para casa ao sair de uma festa.

---

<sup>10</sup> Uber é um aplicativo para solicitar carros com motoristas de carro comum, que funcionam de maneira similar aos táxis.



A escritora relatou em seu Facebook o que a maioria das vítimas sentem ao sofrer violência:

"Estou com o olho roxo e a culpa de ter bebido e me colocado em posição vulnerável não me larga. A culpa não é minha. Eu sei. A dor, a raiva e a impotência também não me largam. Estou falando tudo isso para que todas as que me lêem saibam que pode acontecer com qualquer uma, a qualquer momento, e que o desamparo e o desespero são inevitáveis. O mundo é um lugar horrível pra ser mulher." (AVERBU, 2017).

Os casos e números de violência contra as mulheres evidenciam o quanto as políticas públicas ainda não as protegem integralmente, e o quanto é difícil ser mulher em uma sociedade onde o direito, respeito, liberdade e igualdade na maioria das vezes é restrito aos homens.

Entretanto, existem diversos movimentos sociais que lutam pelo empoderamento feminino, e pela libertação das mulheres para se expressar livre de qualquer opressão, violência ou discriminação.

Um desses movimentos foi nomeado de feminismo. E para entender melhor este movimento é necessário compreender o que ele significa, sua história e qual a sua verdadeira busca.

### **2.3 Feminismo: um breve histórico de lutas**

O movimento feminista que possivelmente surgiu na Europa em meados do século XIX, como um resultado de ideias contrárias às propostas da Revolução Francesa, que tinha o lema "Igualdade, Liberdade e Fraternidade". Não representadas dentro desse lema, às mulheres criaram diversos movimentos para serem inseridas nas mudanças sociais que essas revoluções trouxeram, principalmente para sentirem-se mais cidadãs em uma sociedade historicamente regida pelo patriarcado.

Contudo, o feminismo só se popularizou nas primeiras décadas do século XX, quando mais mulheres começaram a questionar sobre o poder social, político e econômico monopolizado apenas pelo gênero masculino.

Um marco histórico do feminismo na década de 1960 foi o lançamento do livro "O

Segundo Sexo”, da escritora feminista Simone Beauvoir<sup>11</sup>. No livro a escritora quebra o tabu de que a mulher é o “segundo sexo” ou o “outro”, por razões naturais e imutáveis, mas sim por uma série de processos históricos, desconstruindo toda imagem construída pelo patriarcado daquela época.

As feministas e alguns acadêmicos ao redor do mundo dividiram o movimento em três ondas ao longo de sua história. As ondas são as fases diferentes do feminismo ao passar dos anos.

No Brasil, o movimento feminista assumiu uma postura de reivindicações no século XIX, o que é chamado de primeira onda do feminismo. Nesta, a militância era voltada para assuntos como direito ao voto e à vida pública. Em 1922, nasce a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), que lutava em prol dos direitos das mulheres.

Nos anos 1970, nasceu a segunda onda do movimento em um momento de crise no país. As mulheres naquela época precisavam lutar contra a ditadura militar, contra a violência sexual, e lutar pela valorização do trabalho e do direito ao aborto.

Em 1975 para ajudar na luta por direitos da mulher, foi criado o Jornal Brasil Mulher dirigido e feito por elas. O jornal nasceu a partir do Movimento Feminino pela Anistia, que reivindicava a absolvição para todas as pessoas perseguidas, presas, exiladas e banidas em função de posições políticas.

Segundo Birolli:

“A contestação do patriarcado ou da dominação de gênero pode ser tomada como característica do feminismo ao menos a partir dos anos 1960 – da chamada “segunda onda” do feminismo, que superaria a “primeira onda” (da luta por direitos iguais aos dos homens) ao tematizar e enfrentar a opressão contra as mulheres em diferentes dimensões da vida. Seria equivocado reduzir os feminismos a uma única direção, tanto na virada do século XIX para o XX quanto nas lutas que emergem a partir de meados do século XX. Mas há uma utilidade nessa caracterização em “ondas”: ela torna mais claro o redirecionamento das lutas pelo acesso a direitos para o enfrentamento crítico da opressão às mulheres em diferentes espaços, repensando a gramática dos direitos e os limites das democracias liberais. A dominação de gênero passaria, assim, a ser vista como estruturante das relações, das instituições e das normas.” (BIROLI, 2016).

A terceira onda surgiu na década de 1990, e representa um renascimento das

---

<sup>11</sup> Simone Beauvoir foi uma escritora, filósofa existencialista, ativista política e feminista. Beauvoir teve uma influência gigantesca na construção na teoria do feminismo.

estratégias das ondas anteriores. Ela correspondia a corrigir lacunas se recusando a perceber o movimento como um projeto único, moldado para a mulher ocidental, branca, de classe média instruída. Nesse momento as mulheres estavam preocupadas em responder o que era melhor individualmente para cada uma delas.

Em 2017 o feminismo ganhou uma ampla visibilidade em toda a sociedade, entretanto, ainda é desconhecido por uma boa parte da população, que entende o movimento nomeado em alguns momentos de “feminazi”, como sexista, misandrico, e destinado para mulheres com o posicionamento político de esquerda.

Segundo o site Recreio Brasil<sup>12</sup>, o feminismo está relacionado a tirar roupa em público ou construir discurso de ódio contra a classe masculina. E que não é dessa forma que as mulheres conseguirão ser melhores vistas dentro da sociedade.

No entanto, o feminismo é um movimento social e político que tem como objetivo conquistar o acesso a direitos iguais entre homens e mulheres, sem que exista a hierarquização do gênero masculino. De acordo com Mattos 2016, professora de psicologia da UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) e pesquisadora do Degenera (Núcleo de Pesquisa e Desconstrução de Gêneros) em uma entrevista para o site Uol:

“O feminismo enfrenta a discriminação histórica contra as mulheres, que nega a mulher como indivíduo em diferentes frentes sociais. O feminismo luta contra essa realidade a fim de promover o protagonismo das mulheres em defesa dos direitos básicos, como o de terem autonomia e poder de decisão sobre o próprio corpo, cidadania e sexualidade.” (MATTOS, 2016).

Com o surgimento das novas tecnologias de comunicação, o movimento feminista usou dessa plataforma para protestar, denunciar abusos, organizar protestos em prol do direito da mulher, problematizar o “ser mulher” nesta sociedade, e questionar o patriarcado por meio do ciberfeminismo em blogs, textos, vídeos, fanpages etc.

Antes de estudar brevemente o ciberfeminismo, é necessário entender o que é o ciberespaço e a cibercultura e suas relações com a colaboração de atores sociais no meio internet.

O termo Ciberespaço surgiu com o autor de ficção científica Willian Gibson, em

---

<sup>12</sup> Recreio do Brasil é um site de entretenimento que aborda temas em sua página como música, culinária, política e filosofia.

1984 no livro "Neuromancer", e significa um ambiente criado de forma virtual através da internet. Esse ambiente tornou-se possível graças ao advento da infraestrutura técnica na comunicação ligada a cabos, fios, redes e computadores.

A cibercultura é conhecida como um conjunto de atitudes, práticas e costumes que os internautas praticam em relação às novas tecnologias. É possível entender ela como uma cultura em uma plataforma digital. Na introdução do livro Cibercultura, Lévy apresenta o conceito do ciberespaço:

“[...] É o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LÉVY, 2010. P. 17).”

Twitter, Facebook, Instagram são exemplos de redes sociais que estruturam-se por meio de indivíduos conectados, que compartilham vários tipos de relações.

“Resumindo tudo as Redes Sociais nasceram para integrar membros com interesses e ideologias ligados pela relevância de um determinado assunto e para proporcionar integração e interatividade através de comunicação e compartilhamento de conteúdo.” (BERNARDO, 2011).

Segundo Gindre, as mobilizações de movimentos sociais ganharam novos esforços e características com o advento da banda larga e das mídias sociais:

Dentro destas plataformas, o compartilhamento de informações de todo tipo ocorre “sem fronteiras”, uma vez que, dispostas nas redes, estão acessíveis aos usuários que delas participam. E é com a disponibilização de informações e, principalmente, opiniões acerca das necessidades e insatisfações (políticas e sociais), que nascem as mobilizações nas mídias sociais. (GINDRE, 2016).

No mundo globalizado, a internet por meio das redes sociais conquistou um papel cada vez mais importante para os cidadãos, e para os meios de comunicação. Este meio trouxe mais liberdade para que sujeitos comuns exponham suas vozes, que antes eram silenciadas.

Um exemplo de rede social e também objeto de análise deste artigo, é a rede Twitter, que na atualidade conta com a colaboração de mais de 320 milhões de usuários. O Twitter

trabalha por tweets que são publicações feitas pelos próprios usuários, que contam com cerca de 280 caracteres para expor suas ideias, opiniões etc.

Este meio foi criado em 2006 por Jack Dorsey, Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass, e destacou-se pela instantaneidade da informação.

Uma das principais ferramentas do Twitter é o Trending Topics (tópico da moda), que traz o assunto mais discutidos no mundo naquele momento, por exemplo, a campanha #PrimeiroAssédio.

Atualmente o feminismo apropriou-se das redes sociais para promover o empoderamento feminino, e a ONG Think Olga é um exemplo desse ativismo online, que está tomando proporções jamais imaginadas com este novo comportamento dos indivíduos que fazem da web um espaço para mobilizações.

## 2.4 Uma comunicação pensada e feita por mulheres

A ONG feminista Think Olga criada em abril de 2013 pela jornalista paulista Juliana de Faria, que foi eleita uma das oito mulheres mais inspiradoras do mundo pela Clinton Foundation<sup>13</sup>, busca por meio do ciberativismo repensar a maneira como as mulheres são retratadas na mídia.

“A OLGA é uma ONG feminista criada em abril de 2013. Nosso objetivo é criar conteúdo que reflita a complexidade das mulheres e as trate com a seriedade que pessoas capazes de definir os rumos do mundo merecem. Nossa missão é empoderar mulheres por meio da informação e retratar as ações delas em locais onde a voz dominante não acredita existir nenhuma mulher. Nossa luta é para que as mulheres possam ter mais escolhas, nunca menos, e também garantir que elas façam suas escolhas de maneira informada e consentida, sem que tenham que pedir desculpas por tais decisões.” (THINK OLGA).

Contudo ainda é possível encontrar nos meios de comunicação tradicionais, nas Tic's, ou em toda sociedade a misandria, o machismo, a violência física e sexual, e a pequena oferta de vagas de trabalhos para mulheres, ou a diferença salarial, no qual os homens sempre possuíram renda salarial maior.

Ao encontrar no Twitter o assédio explícito por parte de homens que sentiram-se

<sup>13</sup> Clinton Foundation foi fundado pelo ex-presidente americano Bill Clinton, e é uma corporação sem fins lucrativos, e tem o intuito de promover ONGs por meio de colaborações.



atraídos por Valentina de 12 anos, que participava do programa culinário Masterchef Junior Brasil<sup>14</sup>, foi escancarado a sexualização de meninas como algo até então normatizado na sociedade.

Partindo desse caso de violência, a ONG feminista Think Olga decidiu que casos como esse não podem mais ser silenciados entre os milhares que ocorrem diariamente no meio internet ou fora dele. Por esta razão, foi criada a campanha no Twitter #PrimeiroAssédio, que trouxe à tona várias histórias de mulheres que na infância sofreram diversos tipos de violência sexual, marcando de forma traumática a vida das mesmas.

Durante a exibição do programa Masterchef Junior, Valentina foi vítima de comentários como “se tiver consentimento é pedofilia?”, “com doze anos ela vai virar secretária de filme pornô”, “a culpa dessa pedofilia é dessa molecada gostosa”, “essa Valentina fazendo esses pratos: que vagabunda!”. Os assédios foram publicados via Twitter.

A campanha #PrimeiroAssédio no Twitter foi elaborada com o intuito de convidar mulheres a relatar suas histórias com o primeiro contato com assediadores, e o resultado deste convite foi a explícita normatização da violência sexual, que na maioria dos casos é silenciado por medo ou pelo sentimento de culpa que sempre recai sob a própria vítima. A hashtag também ajudou a conscientizar e encorajar mulheres a denunciarem esse tipo de crime.

Pensar em uma comunicação por meio do feminismo, desenvolvido exclusivamente por mulheres era considerado por muitos como algo sem diferença da mídia tradicional, escrita na maioria das vezes sem uma humanização por parte do jornalista. Mas esta realidade transformou-se na contemporaneidade a partir do momento em que o alcance do ativismo feminino digital atingiu os meios de mídias de massa, como os jornais impressos, revistas, telejornais etc.

Segundo Martínez-Collado e Navarette, o ciberfeminismo é uma possibilidade para os questionamentos sobre gênero e identidades. A construção de um organismo cibernético como propôs Donna Hawarey, é um desafio grande. Os autores complementam que:

“A rede é um meio público que tem se caracterizado até agora por ser aberto à pluralidade dos discursos, à multiplicidade. Mas o mundo tecnológico, um mundo não alheio aos outros mundos, padece e sofre as

---

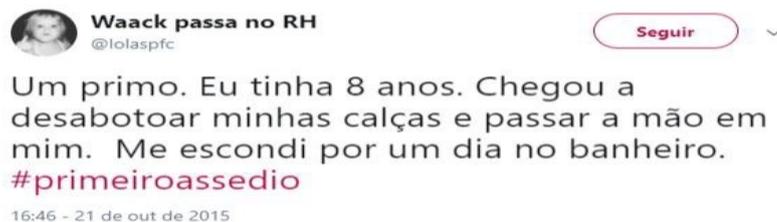
<sup>14</sup> O programa Masterchef Junior Brasil, é a versão brasileira de um reality show que busca premiar o melhor cozinheiro mirim do País.



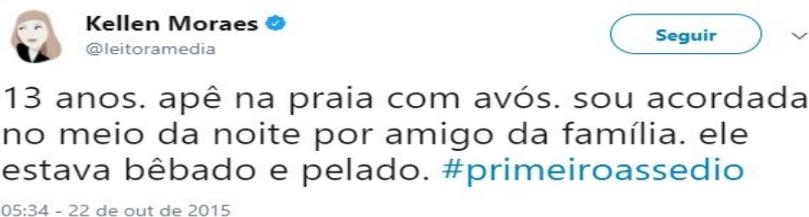
vicissitudes políticas e sociais. Por esta razão, o ciberfeminismo também deve ser um campo aberto para o ativismo e a política. As mulheres, desde a sua incorporação ao trabalho, estão acostumadas ao uso de tecnologias eletrônicas, dada a distribuição de postos de trabalho em relação ao gênero – as mulheres têm desempenhado a maior parte do trabalho de escritório utilizando máquinas de escrever, faxes, e telefones.” (MARTÍNEZ-COLLADO e NAVARETTE, 2006).

Dentro deste novo cenário comunicacional a Olga apresentou mediante a #PrimeiroAssédio a força que as redes sociais conquistaram, resultando um modelo de conteúdo jornalístico nos veículos de comunicação pensado e criado por mulheres. Lévy (2010) complementa este pensamento da força que as redes sociais conquistaram, “as realidades virtuais compartilhadas, que podem fazer comunicar milhares ou mesmo milhões de pessoas, devem ser consideradas como dispositivos de comunicação “todos-todos”, típicos da cibercultura”.

As histórias abaixo podem despertar gatilhos para sensações desagradáveis.



Fonte: Twitter



Fonte: Twitter



**gatinha comunista**  
@affmarcia

Seguir

13 anos. Andando na rua pra ir no supermercado. Ouvi de um senhor que eu ja tinha peitos lindos. [#primeiroassedio](#)

05:47 - 22 de out de 2015

Fonte: Twitter



**renata gomes** @renatagames · 22 h

[#primeiroassedio](#) c 12 anos, voltando a pé da escola, fugi de homem q mostrou pênis e seguiu se masturbando atrás de mim.

Fonte: Twitter



**Soraya Coelho** @soraya\_coelho · 22 h

Aos 10 anos um tio que morou conosco me assediou e fez propostas. Nunca comentei com a família por medo de me culparem.  
[#PrimeiroAssedio](#)

Fonte: Twitter



**tsunami** @sulinux · 25 min

Me sinto mal por ainda não conseguir compartilhar sobre o meu [#primeiroassedio](#) pq eu não quero pensar nisso, qdo penso quero morrer.

Fonte: Twitter



Muitos relatos foram destinados a denunciar comportamentos de ex-namorados abusivos, amigos próximos da família, homens desconhecidos, ou até mesmo algum familiar da própria vítima que não poupou o assédio. A campanha revelou o comportamento socialmente aceito de ser homem com o direito de assediar até mesmo crianças.

Este comportamento deu-se pela relativização do ser criança criado por alguns homens. Em alguns casos o estupro é desprezado com o argumento de que a criança de 12 anos já entendia o que estava ocorrendo, ou quando é dito que a vítima seduziu o próprio estuprador.

A hashtag evidenciou o que Natanshon explica em seu livro, ao descrever que mesmo com os benefícios que as TIC's<sup>15</sup> trouxeram para o movimento em prol das mulheres, ainda é muito comum encontrar diversas formas de violência contra as mesmas.

“[...] o movimento das mulheres e as feministas só agora parecem estar prestando atenção ao tema. Não é apenas um problema de competências tecnológicas o que está em jogo numa política feminista para as TIC's, mas sim, de entender o alcance político e social da cultura digital e do entorno tecnológico como forma de vida contemporânea, como o ambiente onde se desenvolve a nossa vida e nossas lutas”. (NATANSOHN, 2013).

Este exemplo de campanha trava uma luta sem fim com outros atores que utilizam a mesma plataforma digital para atacar, difamar, e assediar de forma naturalizada qualquer pessoa que esteja exposta na mídia tradicional ou virtual.



Fonte: Twitter

<sup>15</sup> TIC's correspondem as Tecnologias de Informação e Comunicação que é proporcionada por um conjunto de recursos tecnológicos.



Hélio Fonseca  
@rjpaulistaspfc

Seguir

TODO exagero é prejudicial. Vamos tomar cuidado p/não transformar a paquera incente e o flerte em crimes hediondos. #primeiroassedio

23:10 - 14 de nov de 2015

Fonte: Twitter

A #PrimeiroAssédio também foi alvo de ironias por parte de homens que acham que denunciar casos de violência sexual não passa de vitimismo, ou um grande exagero de feministas que não aceitam levar cantadas. Estes dois exemplos de comportamentos evidenciam o quanto o tema assédio sexual foi pouco debatido antes do empoderamento feminino.

A campanha originou-se por meio ciberfeminismo que está ligado a terceira onda do feminismo, e também expôs o novo tipo de comportamento dos indivíduos, e as consequências dessa atual conduta no meio de comunicação de massa diante aos abusos que mulheres e crianças sofrem, além de ressaltar a importância do ciberfeminismo para denunciar casos de violência como esse.

A hashtag foi replicada mais de 82 mil vezes no twitter, alcançando até os meios de comunicação internacional, que deram uma maior visibilidade para a campanha. Este resultado destacou a importância do ativismo online como um modelo comunicacional que é capaz de mobilizar toda sociedade.

O ciberfeminismo proporcionou às minorias veneráveis, como as mulheres, um ambiente de denúncia e compartilhamento de histórias que ao longo do tempo não ganhou espaço na sociedade ou nos meios de comunicação tradicionais. (DE OLIVEIRA, 2017).

### 3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de escrever este trabalho surgiu pelo meu interesse em analisar as novas mídias que fomentam o modelo de jornalismo que repense a questão do ser mulher na



sociedade. A partir dessa perspectiva, escolhi a ONG feminista Think Olga, que leva o empoderamento feminino por meio da informação, aliando-se dessas novas mídias da rede mundial de computadores.

A campanha escolhida para ser analisada nomeada #PrimeiroAssédio, foi alvo deste estudo porque além de ser uma das mais conhecidas da ONG, também foi escolhida por retratar um assunto que é muitas vezes silenciado na mídia tradicional.

A medida que a Olga cria conteúdos online sobre empoderamento feminino, mini manual de jornalismo humanizado, ou como a campanha “Entreviste uma Mulher”, que dispõe de um banco de dados com nomes de mulheres especialistas em diversas áreas, que estão disponíveis para serem entrevistadas, principalmente quando trata de assunto exclusivamente de mulheres, como por exemplo o aborto, estão mudando aos poucos o cenário desigual para as mesmas.

O histórico da desigualdade entre o gênero masculino e feminino tem sua origem desde a criação do mundo, mas está realidade transforma-se à medida que grupos feministas continuam empoderando mulheres para que lutem por seus direitos. Ainda à muito o que conquistar dentro de toda sociedade sendo mulher, já que os direitos para as mesmas muitas vezes são negados.

O feminismo não pode e nem deve ser o único responsável por tratar de questões tão graves como essas, mas a atuação de ONGs por meio do ciberfeminismo, é fundamental para evidenciar a importância do empoderamento feminino.

E a ONG Think Olga, que atua neste movimento sem qualquer tipo de fins lucrativos, é um exemplo do movimento feminista, que busca por direitos e a libertação dos estereótipos criados na sociedade machista. A Olga por meio de várias campanhas como #ChegaDeFiuFiu, #MandaPrints, #MulheresdeImpacto e #PrimeiroAssédio ajudou a elevar o feminismo para um novo patamar de visibilidade e deu um maior protagonismo ao movimento de mulheres.

O ativismo online chegou para ficar na contemporaneidade, as comunidades virtuais feministas ganham mais visibilidades a cada ato realizado no ciberespaço, ou fora dele. E tudo indica que está novo comportamento ciberfeminista, ainda vai provocar muito debate e mudança em toda sociedade.

## REFERÊNCIAS

BERNARDO, Danylo. **Evolução na Comunicação: Estudos nas redes sociais**. 2011. [Artigo]. Disponível em:

COLLADO, Ana Martinez; NAVARRETE, Ana. 2007. **Ciberfeminismo: também uma forma de ativismo**. [Internet]. Disponível em: <<https://www.genderit.org/es/node/2338>>. Acessado em: 02 nov. 2017.

DANIELS, Jessie. **Rethinking Cyberfeminism(s): Race, Gender, and Embodiment**. 2009. [Artigo]. Disponível em: <<http://muse.jhu.edu/article/266600/pdf>>. Acessado em: 02 out. 2017.

DATASENADO. **Violência doméstica e familiar da mulher**. 2017 [Internet]. Disponível em: <<http://www.justicadesaia.com.br/wp-content/uploads/2017/06/VIOL%C3%AANCIA-DOM%C3%89STICA-E-FAMILIAR-CONTRA-A-MULHER-2017.pdf>>. Acessado em: 10 set. 2017.

OLIVEIRA, Rafael Santos de; PINTO, Gabriela Rousani. **Mães de Suas Decisões: O papel do ciberfeminismo no empoderamento da mulher e na reivindicação de direitos relativos ao parto a partir do acesso à informação**. Revista do Mestrado em Direito da Universidade Católica de Brasília: Escola de Direito, v. 10, n. 2 Jul/Dez, p. 378-405, 2017.

FARIA, Juliana. **‘As mulheres estão perdendo o medo de falar’, diz fundadora da ONG Think Olga**. 2016. [Internet]. Disponível em:

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. 5º ed. 2010.

GINDRE, Gustavo. **Internet e Redes Sociais como ferramentas de Mobilização**. 2016. [Artigo]. Disponível em: <<http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2016/01/Cartilha-Redes-Sociais-e-Mobilizacao.pdf>>. Acessado em: 19 nov. 2017.

HARAWAY, D. J. **Manifesto Ciborgue**. 2009. [Artigo]. Disponível em: <<http://www.rodrigomedeiros.com.br/pos/download/oriana/01-ManifestoCyborgI.pdf>>. Acessado em: 02 set. 2017.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3 ed. São Paulo: Editora, 2013.

MATTOS, Amana. **O que é o feminismo**. 2016. [Internet]. Disponível em: <<http://www.comunicaquemuda.com.br/o-que-e-feminismo/>>. Acessado em: 10 out. 2017.

MORAIS, Denis. **O Ativismo Digital**. 2001. [Artigo]. Disponível em:

<[http://bocc.unisinos.br/pag/\\_texto.php?html2=moraes-denis-ativismo-digital.html](http://bocc.unisinos.br/pag/_texto.php?html2=moraes-denis-ativismo-digital.html)>.  
Acessado em: 09 out. 2017.

NATANSOHN, L. Graciela (Org.). **Internet em código feminino**. Teorias e práticas. E-book. Ed. em português revista e ampliada. 1. ed. Buenos Aires: La Crujía, 2013. v. 1. 192p.

**O que é a Ong Think Olga?** 2013. [Internet]. Disponível em: <<http://thinkolga.com/a-olga/>>. Acessado em: 02 ago. 2017.

**Sobre a Olga.** 2013. [Internet]. Disponível em: <<http://thinkolga.com/a-olga/>>. Acessado em: 09 out. 2017.

VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 15. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

WILDING, Faith. **Where is Feminism in Cyberfeminism**. 2006. [Artigo]. Disponível em: <<http://www.neme.org/main/392/cyberfeminism>>. Acessado em: 02 out. 2017.